# O APÓSTOLO DA REPÚBLICA

## (Oração no Instituto do Ceará, 4 de Novembro de 1949)

**PADRE MISAEL GOMES**

Meus senhores :

Acabo de receber a palavra de ordem de S. Excia. o Sr. Presidente Dr. Tomás Pompeu S obrinho, nesta sessão magna do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras.

. Meço o valor da investidura, a responsabilidade da minha carta de crença por estas duas agremiações patrícias, e estou que falar de Rui Barbosa a meus irmãos de sonho e de ideal importa no momento um monumento, superior às minhas forças.

Sobre o que o Brasil festeja hoje e amanhã — 5 de Novembro — dia do grande centenário, cumpre destacar a consagração do Apóstolo da República e o reconhecimento do cimo mais elevado, de maior lustre da cultura nacional.

Vacilo ante a perspectiva deslumbrante; lembra-me a unção de Giotto, ao retratar o Santo que conversava os pássaros e compreendia a alma de todos os seres vivos. Aquele génio criador inicia a Renascença, com uma larga pincelada na igreja de S. Francisco de Assis, e a obra prosseguiu que só gerações de artistas seriam capazes de realizar.

Igual à do célebre florentino, aqui a minha emoção, toda esta minha emoção.

## I

Senhores: Diferente de Valter Raleigh, que teve beleza excelsa e inteligência do estadista, Rui Barbosa não foi homem bonito, invés "magro, de altura meã, corpo meio inclinado para a frente, como ao vergar ao peso da própria cabeça... inspirava contudo simpatia" e seu corpo franzino escondeu uma *águia* cativa.

A mais remota das produções que lhe são atribuídas hoje, — o soneto recitado a 2 de Julho de 1865, num dos saraus do emérito educador baiano, Dr. Abílio de César Borges.

Gravou-lhe o apreço da ciência jurídica, a lição inaugural sobre "retroatividade das leis", do maior tribuno de S. Paulo, José Bonifácio, o moço ou mágico da palavra, o mesmo que chamou à terra de Rui "a heroína dos seios titânicos". Na linguagem de Joaquim Nabuco, essa é a "Virgínea brasileira".

Após arguição na Academia Paulista, o professor Manuel Dias de Toledo desvela o seu encanto: "Senti-me à frente de um pro-homem do futuro!" Fácil de entender, pelo gesto julga-se um caráter e, por um carácter, avalia-se o povo.

"*L'enfant terrible*" (já em Haia, razão da sua estatura) deveras maravilhou Bahia, Recife, S. Paulo.

Conviveu, jovem estudante, com Afonso Pena, Joaquim Nabuco e Castro Alves, seu coestadano, companheiro de "república".

À timidez e ao orgulho Rui misturou um amor próprio exagerado.

Na casca humana falhas, que às vezes realçam prendas notórias, colorido admirável. A natureza tem perfeição para fazer-nos crer que é imagem de Deus, e defeitos para provar que apenas é sua imagem. O génio como o sol, no seu esplendor, arrasta a desculpa das próprias manchas.

Pelas ruas paulistas e no Ateneu, no Clube Radical, surgia o académico-orador, a comprazer à multidão, na maneira como encarava as mais fundas questões sociais, àquele tempo já, o maior estudante brasileiro de todos os tempos.

O Correio Paulistano de 29 de Outubro de 1870, descrevendo exames finais da Academia, chamou-lhe Apóstolo da nova era, prognosticou-lhe o concurso preciosíssimo à causa americana, à causa do povo.

Vive o homem, meus senhores, entre a recordação e a esperança !

Promotor público, 1872, Rui apresenta ao júri da cidade do Salvador trabalho forense perfeito que, embora impresso, desapareceu.

Desgostos não faltaram para dispêndio da carreira que se desenvolvia no amor à Pátria, no trabalho e busca do ideal; pois referiu: "Não vejo ninguém que, na minha idade, tenha transposto as provações que me têm enchido de fel os melhores anos de minha vida".

A dor é grande educadora; os felizes não sabem muito da vida; porém a dor é inconstante. Tempo houve em que se desdobraram mundos da esperança; matinou lírio cristalino, virginal, Maria Augusta, a quem soabriou o coração: "Tu, meu anjo, minha alma, minha vida, podes crer que ainda outra mulher não foi mais sèriamente amada do que tu és pelo teu Rui".

Sem dúvida, o lar faz o homem, a mulher faz o lar; por dois caminhos entra a verdade nas almas: pela inteligência e pelo coração (Pascal). Daí enternecer-se: "(Senhor) mais de quarenta (anos) me permitistes de união com uma companheira que tem sido a vida de minha vida, a alma de minha alma, a flor sempre viva da vossa bondade no meu lar". Aprecia outras facetas :

"Meu pai me deu o carácter, minha mãe me deu o coração, e minha mulher a âncora do meu coração e do meu carácter. O que a ela devo é tanto que toda a minha vida a ela imolada seria apenas uma exígua parte da minha dívida".

Entre os dois esposos, o pão da felicidade e das desditas. O calor do sentimento que os uniu jamais arrefeceu; comunicou-se, multiplicou-se pelos filhos e netos.

Chefe exemplar da família, pensou bastar-lhe esta e os amigos; porém, não! veio à arena, com o brial de cavalheiro;

ao fogo da luta, quis a alma retemperar; não se lhe deu das correntes e corrilhos, fez-se batalhador, reformador pela palavra e pela acção.

A campanha abolicionista iniciara desde 1868, na "Loja Americana" de S. Paulo, sociedade maçónica, redentora dos filhos de escravas, três anos antes da Lei de 28 de Setembro de 1871.

Ingressou na Assembleia Provincial da Baía, Abril de 1878; deputado geral pelo 2º. distrito da terra-mater do Brasil, 15 de Dezembro daquele ano; reeleito em 1881. Não teve mão em si, na tribuna, no rostro, no jornal, no seio do partido; glosou, insistente: "Primeiro a abolição, nada sem a abolição, tudo pela abolição".

Como apreciava o aticismo da frase e dos tropos, abroquelou-se neste: "Com a lei, pela lei e dentro da lei; porque, fora da lei, não há salvação".

A observância caracteriza o soldado da lei, sob cujo signo militou; mas lei e abolição fundamentaram o asserto de Alcindo Guanabara, que a biografia de Rui se pode traçar por uma recta só entre o direito e a liberdade.

O liberalismo abriu-lhe traça à República; o federalismo o embalou; as conquistas político-sociais, havidas de outras nações, precisavam assimiladas entre nós: da pena fez aríete, que os alicerces afunda e as bases do trono.

Renova o papel de Evaristo da Veiga na Abdicação; porque, se Deodoro proclama a República, se Benjamim é o patriarca e Floriano o seu consolidador, Rui foi o Apóstolo. Não o consideramos republicano histórico, uma vez que militou no partido liberal-monárquico, tendo recebido o título de conselheiro e agradecido a S. M. o Imperador no Paço.

"Sinceramente monarquista (revelou) era eu, a esse tempo (1889). Não por admitir preexcelências formais desse a outro sistema de governo — visível preconceito, apenas digno de fanáticos, ignorantes ou tolos... mas porque a monarquia parlamentar, lealmente observada, encerra em si todas as virtudes

preconizadas, sem o grande mal da república, seu mal inevitável". Aludida ao caso da presidência em mãos de mediocridades. "E por isso queria republicanizar a monarquia para a conservar".

O movimento das ideias foi levando aquele príncipe do génio latino até que chegou a reconhecer o sucesso da proclamação da República, irrevogável, por diferentes motivos; 29 anos de campanhas pelo abolicionismo, questão do ensino e eleição direta, liberdade religiosa e pelo federalismo. A luta é a vida para o homem forte.

O chefe do partido liberal, chefe de Rui, o conselheiro Sousa Dantas julgava-o equivaler a toda uma Câmara.

Nem da fortuna, nem das armas, nem de outro instrumento dispusera, a não ser da palvra falada ou escrita, do pensamento organizador, destro, ágil, em meio de uma sociedade seu tanto quanto refractária ao apostolado intelectual. Convencera-se de que existe força peculiar a serviço do bem, energia extraordinária no verbo doutrinador, perseverante. Estudemos-lhe as feições de mais de 30 anos, em meio das gestas da República.

## II

Meus senhores : O fenómeno ou facto histórico, à guisa do oiro, vale por si mesmo: "o que se faz patente por si mesmo", segundo a definição de Heidegger (*Sei und zeit*, p. 28). S. Tomás dizia: *Contemplatio veritatis propter seipsam quaeritur.* No que toca porém à psicologia, é quiçá o factor íntimo, um fio biológico por ventura, a chave de toda a legítima sua interpretação. "E a personalidade compreende o homem total, o retrato íntimo; não somente os factos externos, também os internos, e portanto o eterno, as aspirações da alma".

A fibra ruiana esmorecia à penumbra, estimava o proscénio, abraçou nobres causas, revelou-se, sôfrega e inquieta. Figurou a andorinha ansiosa do que vai pelos amplos horizontes. "Meu temperamento — não se arreceia de confessar — foi feito para a luta e para o perigo".

Com as novas instituições, Ministro da Fazenda, interino da Justiça, Rui gozou o prazer (avaliai!) de lavrar o Decreto nº 1, que estabelecia a Federação no Brasil, pela qual tanto se esforçara.

O francês Leclerc observa : "Desde o primeiro dia, o senhor Rui Barbosa ocupou no governo uma situação preponderante; tomou-a por si mesmo, e a opinião pública não achou que estivesse errado".

Trabalha os fundamentos da nova ordem mais de um ano, no que abriu composição, harmonia de vistas, madrugou e acordou com os próceres de 15 de Novembro de 1889.

Fala o *patriarca* Benjamim: "Acompanho cada vez com mais confiança o sr. Rui Barbosa, com quem prefiro errar, a acertar com os outros".

O próprio soberano destronado, a brasileiros em Cannes: "No meio das trevas que cairam sobre o Brasil, a única luz que alumia no fundo da nau, é o talento de Rui Barbosa".

A glória é como a rosa, o aroma em meio de espinhos.

Eis que a primeira nuvem escureceu, primeira da República. Gestor da Fazenda e Finanças nacionais, vice-chefe do Governo Provisório, responsabilizaram-no pelo chamado "ensilhamento", jogo da Bolsa, o desastre político e económico do regime começado. Larga o posto e a pasta sob fero acicate. Na mesma onda foram-se também os outros ministros.

Logo, em derredor, chufas, acintes, calúnias, vicissitudes ou alterações, que lhe definem a qualidade e resistência. *Impavido ferient ruinae* (Horácio).

Correram dias, meses, anos, sem que ninguém refutasse as defesas do seu plano iniciado e diversamente apreciado. O visconde de Ouro Preto, digno e nobre como sempre, abonou-o em termos :

"Apurar responsabilidades pessoais não é nosso fito até por estarmos convencidos de que grandes erros eram inevitáveis naquela situação e muito mais funestos seriam eles, se a pasta da Fazenda caísse em outras mãos. Demais, justiça seja feita, — tais aberrações estão compensadas pelos serviços eminentes, posteriormente prestados com talento e coragem física incontes-

tável, à causa da justiça, do direito, assim como da dignidade e progresso da pátria comum" (OURO PRETO, "Década da República", 2a. ed. 1902, pág. 148).

Escreveu Baptista Pereira: "Vinham de longe as perturbações financeiras que encheram de destroços e ruínas os primeiros anos da República".

Por seu turno, Cincinato Braga: "Quanto mais estudo o plano financeiro do Governo Provisório, mais me convenço de que a acção de Rui foi genial".

A incompatibilidade, porém, ficára; dir-se-ia *vilta criminosa* no potro imaterial do vilipêndio. Donde o anseio frustado da presidência da República, candidato em mais de um pleito eleitoral.

Para que algo lhe ficasse do naufrágio das ilusões, *post mortem* recebeu as honras de chefe de Estado e as homenagens ora começadas de um extremo a outro do país.

"E' assim que o tempo, o maior e mais certo factor da justiça na ordem das coisas humanas, vinga a sagrada memória desses benfeitores de sua nacionalidade, os seus ilustres patriarcas" (*Rui Barbosa*).

"Eu não conheço duas grandezas tão vizinhas pela sua atitude, tão semelhantes pelas suas lições, tão paralelas na sua eternidade como estas: a justiça e a morte" (*Rui Barbosa*).

Todos o glorificam hoje.

Mais. Nunca ninguém compreendeu o Senado, desde a 1a. Constituinte republicana, sem ele, que foi relator da Comissão do Código Civil Brasileiro, imortalizando-se ao pé de Clóvis Bevilaqua, autor do Projeto a que Rui juntou *Parecer* e a *Réplica.*

Assim, nos dias calmos e claros, era o artífice da palavra, o pontífice da língua; um prazer ouví-lo. Aproveitou e dedicou-se ao regime, a oscilar este entre as ditaduras e a anarquia.

Brilhou a coragem na adversidade, e ventos fortes amainou; também se calou, quando o silêncio lhe pareceu mais significante, mais poderoso do que sua voz: muita vez acto de energia.

Cícero, de quem Rui a imagem suscitou, na concepção do

Direito sobretudo, teve cortadas, em poder do inimigo, cabeça e mãos que haviam escrito as *Filípicas.*

Nada obstante, se a tempestade ruge, o estridor do macaréu e seus cachopos, sobe o nosso patrício o galariam da fama, a demonstrar que nem tudo é lama, pairando altivo e sobranceiro, com um protesto e prodígio da vontade, forja de força, um homem só, valente que nem as armas, e que não teme, não se teme dos raios vingadores de Júpiter.

Dizia Napoleão: "O homem não tem amigos, é a sua felicidade que os tem".

A todos os períodos e situações, a todos e a cada um, o ambiente adequado; o de que falamos "não era de brinquedos. O marechal era duro dos fechos, a militança impava e pimponava. Era a consolidação da República".

Em terras estranhas, ao vexilário da Justiça, foi-lhe permitido escrever contra o Marechal de Ferro; dentro do País, contra o Marechal Hermes e o bombardeio da Baía, a manifestação do apoio federal ao Dr. Seabra, político perspicaz, adversário terrível.

Lembram-me artigos que rasgaram clarões de céu tempestuoso, ensinaram que "o ódio ao mal é amor do bem, e a ira contra o mal, entusiasmo divino". Das injustiças, diz Pitágoras, o pior não é sofrê-las, mas cometê-las.

* * *

Manifestação capital, a literária: sobe acima da política, de suas contingências, preconceitos e interesses; é alimento da mocidade e consolação da velhice, no dizer de Cícero.

Pois, "mestre e amigo", Rui chamou a Machado de Assis, em hora de saudades da Academia Brasileira de Letras, dentro da qual escolhera como patrono da cadeira nº 10, a Evaristo da Veiga, redactor da *Aurora Fluminense.* Rui escreveu no *Jornal do Comércio, Jornal do Brasil, Diário de Notícias, Imprensa, Imparcial, Correio da Manhã, Tribuna* e outros.

Depois, lograria a curul presidencial Académica; por sobre tudo, ressuscitou Vieira. Ainda hoje, encontram-se as obras do

notável jesuíta, máximo orador, ementadas de lápis vermelho, na biblioteca de S. Clemente.

O Padre António Vieira e Castilho, guias espirituais da sua adolescência e juventude, a ambos com tenacidade venceu, ao ponto de ter por igual a si mesmo, como rival o sol.

Monteiro Lobato considera-o, na ciência, uma superposição de autores; no estilo, superposição de clássicos; nele personificou Bernardes, Vieira, Latino, Frei Luís, Herculano, Camões...

À feição destes, não lhe faltaram dúvidas, injustiças ou falsa suposição. Que importa? Rico o património vocabular, qual de Victor Hugo na França, sobre ser milionário de ideias, Rui foi o maior escritor da língua nos dois mundos.

Familiarizado com as literaturas peregrinas, conhecedor do inglês como se nascido fora em solo britânico, pedira-lhe traduções do inglês e latim, um dos contemporâneos paulistas nos estudos preparatórios, Adolfo Pinto, depois engenheiro, e Rui à primeira vista fazia, sem que precisasse nunca de Dicionários.

O desvelo pelo falar correcto e escrever castiço repercutiu através da polémica erudita com o professor Carneiro Ribeiro, da Bahia. Pelo engenho de ambos, arte de ambos, o Brasil começou então de escrever melhor. O elogio repetiu-se *Je vous assure, c'est une merveille!* Eu vos asseguro, foi uma maravilha!

Sim, a oração em francês, de Rui a Anatole na Academia e a *Réplica às defesas da redação do Projecto do Código Civil* foram duas maravilhas.

A *Réplica*, de maior fôlego, demandou saber, gosto e tempo; conforme o substituto de Rui Barbosa na curul académica, a *Réplica* "é livro-evangelho, na filologia; livro-padrão, na linguagem; livro de oiro, no estilo, e monumento dos monumentos nas letras brasileiras".

* * *

Período houve, senhores, em que sobresaíram, em nossa política exterior, Rio Branco, Nabuco e Rui.

Rio Branco, expressão da Pátria, símbolo vivo da Pátria, apontaria como Tácito diante das planícies de Roma, o mapa ele apontaria: "Eis o meu poema!" Trechos regalou que fal-

tavam ao triângulo brasileiro, um deus *Terminus*, na expressão de Rui.

Joaquim Nabuco foi, por sua vez, também uma de nossas *Águias*. Escreveu a filha, Carolina, que "Nabuco fora convidado antes de Rui Barbosa para chefiar a delegação brasileira á Conferência de Haia e havia aceito o encargo, quando, antes de ser divulgada a notícia, surgiu, na imprensa carioca, um movimento indicando o nome de Rui Barbosa para o posto. Rio Branco, desejoso sempre de atender ás manifestações jornalísticas da opinião pública, e sabendo que nem Nabuco nem Rui Barbosa aceitariam um lugar na delegação que não fosse o de chefe, viu-se na incumbência delicada de retirar o primeiro convite e telegrafar a Nabuco — "Já houve ministério-águias, poderíamos ter ali delegação-águias, se você quisesse".

RUI BARBOSA, de iniciais idênticas às de Rio Branco, não se imortalizara à maneira deste, apenas como símbolo da Pátria, nem somente "Águia de Haia".

A cada um da tríade luminosa, correspondeu invejável destino. Diferentes de Agámenon, Ulisses e Aquiles, os nossos foram amigos, que pouco discordaram entre si. Rui, porém, tornou-se uma expressão universal.

*Rui Barbosa... Retenons ce nom qui grandit dans l'histoire universelle!* (*Louis Forest* no *Le Matin* de 23 de Set. de 1916).

Brilhou sua vida, sua estrela, o valimetno profissional do advogado, orador, jornalista, parlamentar, constitucionalista, diplomata e crítico formidável; foi verdadeiramente um sábio, em todo o rigor da expressão e unidade de sua pessoa.

A médico ilustre de S. Paulo ouvi que, entrando a biblioteca ruiana, deu com seu luminar, de breviário em punho.

Rezava-o, como fazem os sacerdotes católicos ?

Não! queria apenas conhecê-lo; pois o mistério o encantava, maximé o religioso, a grande paixão da humanidade: *L'homme, un dieu qui se souvient des cieux* (*Lacordaire*).

A despeito das negações de sua mocidade, dos percalços de anticlerical e maçon, esguardou a fé em Deus e a esperança na Providência. Do século, o tributo pagou, e de seu temperamento insofrido, arremetendo contra a Igreja, contra o poder

temporal do Papa. Todavia, na questão religiosa de D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira e D. António de Macedo Costa, manifestou-se a favor dos Bispos, contra o regalismo da Coroa.

Mais tarde escreveu: "Como se pode deixar de crer em Deus, minha Maria Augusta?"

Por volta de 1908, respirando ares piedosos: "Felizmente a fé em Deus se me vai acendendo à medida que se me apaga a confiança nos homens. No meio de tantos desconfortos e iniquidades, tenho-me entregado estes dias exclusivamente à leitura do Evangelho, a eterna consolação dos malferidos nos grandes naufrágios. Uma excelente edição que eu trouxera comigo, do livro divino, permitiu-me este recurso animador..."

E aqui, conhecer nos importa esta grande verdade: "Fundamento de toda a civilização ocidental, mãe comum de várias de suas maiores religiões, a Bíblia (*entenda-se o Velho e o Novo Testamento*) é fonte perene de inspiração, mesmo dos que jamais leram um versículo do livro sagrado. Anda na lei e na ciência de todos os homens. Na poesia rebuscada ou não de poetas crentes e ateus. Na poesia anónima, ingénua e bela de todos os povos do mundo. Nas suas sentenças. Nos seus provérbios. Na sua sabedoria".

De sorte que, igual a Rui, Nabuco, já próximo da morte, informou a um dos discípulos e amigos que nada mais lia sobre Jesus Cristo que não fosse o *Evangelho* e a *Imitação*.

Sob a influência tão salutar, a Nabuco não faltou, como igualmente a Rui no seu consórcio, no jubileu cívico-literário, na hora derradeira, não lhes faltou, aos dois, a bênção da Igreja: autógrafo do papa Benedito XV pende, ainda hoje, sobre o leito solarengo conservado em S. Clemente.

Das irreverências anteriores, emendou a mão, no Colégio de Anchieta, o paraninfo de Nova Friburgo, amigo do reitor padre Yábar, como foi de Frei Celso, franciscano e seu último confidente.

"O estudo e o tempo não me convenceram de que as leis do cosmos sejam incompatíveis com uma causa suprema, de que todas as causas dependem" (*Rui Barbosa*).

Pura ortodoxia consagra a *Oração aos Moços* de S. Paulo, em que ele houve por derradeira e a melhor lição de sua vida: "De quanto no mundo tenho visto, o resumo se abrange nestas duas palavras: Não há justiça, onde não haja Deus".

Proclama a santidade, benemerência de sua fé e apego à religião católica, o amado culto. Por entre flores, sinos, vivas, palmas e salvas, desfere notas gratíssimas, harmoniosas como esta: — "Bendita seja, Senhor, a mão que tantas graças sobre mim tem derramado!"

Apreciou o júbilo dos assistentes à sua integração espiritual, litúrgica, diante de um altar, no campo de S. Cristóvão, na Metrópole do Brasil. Foi todo unção, igual à do levita a oficiar em seu Tabernáculo.

* * *

Conferência da Paz.

Por indicação da Rússia, escolheram o 1° representante do Brasil, presidente de honra da 1a. de quatro comissões criadas em Haia. O acordo sobre juízes do Tribunal permanente de Arbitragem, estudaram-no verdadeiros sábios, 7 dentre os representantes de 44 nações: Barão Marshall, Nelidow, Choate, Kepos Meré, Bourgeois, o Conde Tornielli e Rui.

O delegado do Brasil e seu Embaixador não faz caso dos aguerridos exércitos europeus; pois não é a força das baionetas que domina os mundos, mas o poder do espírito. As ideias triunfam mais do que as armas.

Nada, portanto, capaz de obstar que o nosso alto representante trabalhasse pela igualdade jurídica de todos os Estdos soberanos, defendesse as nações contra o imperialismo, sobretudo, da Rússia e da Alemanha.

Recordemos. Advogado, levou à barra do Tribunal, na Bahia, um valentão que maculara a honra de pobre órfã. Apiedou-se dos humildes, infelizes e dos escravos; patrocinou vítimas das ditaduras, no foro, no senado, na imprensa. O protesto em favor de Alfredo Dreyfus, oficial franco-israelita, foi mais um

anel de oiro da sua cadeia de prélios dignificantes. Em Rui, grangearia a infortunada Polónia, o seu campeão, o maior do Brasil.

Pela Conferência da Paz, sacerdote do Direito, ciclópico, respondendo a tudo e a todos, sobressaiu-lhe a vocação apostolar.

Em 2 de Julho de 1907, o 2º representante da Rússia, Frederico Martens, presidente da 4a. Comissão de Haia, declarou que a *política fora excluída da sua alçada.* Aplaudiram-no os circunstantes. *La raison du plus fort est toujours la meilleure.*

Acabava o Embaixador do Brasil de falar sobre a transformação dos navios mercantes em vasos de guerra.

Compreendeu o acinte e, em francês corrente, a língua oficial-diplomática, súbito, replicou: se a política muitas vezes aparece como "traição à consciência pública", preferia ali considerá-la florescência do Direito, arte condutora dos povos.

Sob tal aspecto, máximo o empenho, a preocupação de toda a Conferência da Paz.

Terminou com justificada ênfase: — "Aqui está, senhores, porque me vejo obrigado a concluir, no fim de contas, que vedar-nos inteiramente o contacto com a política seria o mesmo que ditar-nos o impossível; e o que se nos impediria era o próprio uso da palavra. Não nos receemos de vocábulos: interpretemo-los com os factos, e confessemos a boa realidade, que se impõe com sua evidência irresistível".

Desfeita a gravidade do caso, com brilho invulgar, um quê de sublime iluminou-lhe o rosto, e frémito de admiração ia a caminho, transformando *l'enfant térrible,* o Dr. Rui Barbosa ou *Verbosa,* como também o alcunharam, transformando-o num gigante.

Gigante, sim, pela actividade, intelectualidade, provecto no Direito Público e Privado, Constitucional e Internacional, Rui transpôs o Rubicon da dúvida e chegou à Cidade Eterna do seu renome. "Tão mesquinho é o invólucro da terra em que lhe flameja o génio, pintou-o Coelho Neto, que, ao vê-lo, quando assoma em eminências para maravilhar, tem-se a impressão de que é apenas essência".

Alguém o apelidou de Amazonas da palavra brasileira... Outra imagem, pela tradicional Faculdade de São Paulo: "No mar, cuja imensidão melhormente configura a amplitude universal de seu génio, buscava quase sempre Rui as metáforas fulgurantes de sua eloquência e a harmonia arrebatadora de seus períodos dir-se-ia cadenciados pelo ritmo murmuroso das vagas".

Ninguém duvida que para alguns é necessário horizonte mais vasto, o cimo elevado da montanha, donde bater asas e fitar o sol.

Guindaram Rui aos píncaros da Justiça Internacional, membro da Corte de Arbitramento na metrópole holandesa; foi porém na capital da inteligência humana, Paris, que a colónia brasileira lhe ofereceu um bronze expressivo, simbólico: a Glória coroando o Génio. Terminara apenas a Conferência da Paz, em Haia.

* * *

Duas campanhas à maneira de Rui, duas jornadas civilistas, o espetáculo ofereceram de singular metamorfose, ressurgimento de energias, um sublimar-se da nacionalidade: *Pro vita civium proque universa republica.*

"E o mártir da convenção fecha seu escritório de advogado, abandona todos os interesses de sua vida e parte para o seu apostolado..." retratou-o João Mangabeira.

Aos relâmpagos sanguíneos da 1a. Grande Guerra, que incendiou horizontes, rasgou entranhas da Europa e rebentou amarras do futuro humano, não se fez esperar, nem de rogado se fez, o elóquio divinatório.

Temerosas as manifestações da imprensa, reinava desânimo no Novo Mundo, quando no monumental discurso, a punir responsabilidades pelo ciclone que, das nuvens, choveu mortes e desgraças... Crucificada a família humana, 14 de Julho de 1916, da capital argentina ecoou a tese: "Não há imparcialidade

entre o direito e a justiça". E novas ideias repercutiram mundo a fora, em fluidificação perene e salutar.

Demaria, presidente da Câmara de Deputados da grande República, no mesmo instante, traduziu o lídimo entusiásmo portenho :

"Ele nos deu a honra (vede bem, senhores), ele nos deu a honra de escolher a tribuna de Buenos Aires para enunciar as mais elevadas ideias que se têm manifestado nestes trágicos tempos. Elas circularão pelo mundo, vingarão ou serão vencidas. Porém a honra que representa o ter sido Buenos Aires a cidade em que o verbo da nova doutrina inicia a sua peregrinação através da consciência humana, é a melhor oferenda com que o Brasil se poderia ter associado ao nosso primeiro centenário de nação livre".

O *Jornal do Comércio* do Rio, órgão de maior autoridade na imprensa nacional, edição de 17 de Julho de 1917, apreciou devidamente :

"A conferência realizada pelo conselheiro Rui Barbosa, na Faculdade de Direito de Buenos Aires, é sem favor, um dos mais altos e maravilhosos trabalhos saídos do engenho humano. Nunca à eloquência apostólica do insigne jurista se deparou ocasião mais propícia para expansão de sua cultura assombrosa e de sua dialética genial. O momento, o lugar e a pessoa se completaram num quadro de beleza sem par, dando todo relevo à dissertação que há de repercutir no mundo inteiro, promanando da boca de um sábio e de um justo, e reacendendo em todos os corações bem formados a confiança no futuro da humanidade. O Brasil deve encher-se de orgulho pela figura magnífica de seu Embaixador".

O Ministro inglês Artur Peel, mais tarde: "O Governo de S. Majestade (*Britanica*) reconhece em vós não só um jurisconsulto internacional de universal renome entre os homens de Estado na América do Sul, mas também uma pessoa que, neste conflito geral do mundo todo (*a* 1*a*. *Conflagração*), bem cedo enxergou de que lado está a causa do direito e dedicou a esta a vossa eloquência e energia".

## III

Bemaventurado aquele que começa o caminho da honra e não o deixa através de uma cadeia de esforços, sacrifícios, devotamentos.

Entrou o novo Demóstenes, a reivindicar a liberdade pela campanha que se coroou de glória em 13 de Maio de 1888.

Chegou a admitir a República, quando o Império lhe pareceu anular as garantias e direitos de que ele, Rui, se fizera advogado.

Imbuído do ensino e avanço de outros povos mais cultos, a impregnação deixou-nos de suas ideias, dos veios de sua sabedoria, nos melhores artigos da Carta Magna de 24 de Fevereiro de 1891. "Nós os fundadores da Constituição, acentuou, não queríamos que a liberdade individual pudesse ser diminuída pela força nem mesmo pela lei".

Egoísta a alma dos homens e das coisas, envenenado o ar que respiram, quem a novos Césares afrontou, patrocinando oprimidos, exilados, despojados, ameaçados dos disfarces da lei e ao abandono da justiça ? Lembram-nos os desterrados de Cucuhy, Seabra, Campo da Paz, Jacques Ourique, Lavrador, José do Patrocínio e o conde de Leopoldina.

Rui doutrinou: "Os homens não inventaram, antes adulteraram a fraternidade de que o Cristo lhe dera a fórmula sublime, ensinando-os a se amarem uns aos outros: *Diliges proximum tuum sicut teipsum*".

Sagrou-o, oficialmente, o Ministro francês no Brasil, Paulo Claudel: "O meu governo, ele próprio, sr. Conselheiro, encarregou-me da missão bem honrosa para mim, de comunicar a vossa escolha para a mais alta distinção de que dispõe, a de Grande Oficial da Legião de Honra. No Exército da Honra, o orador de Buenos Aires, o intrépido afirmador do Direito, o campeão da Justça, o advogado dos oprimidos, o grande Rui Barbosa não poderia deixar de tomar o assento que lhe compete".

Devemos render um merecido preito ao Apóstolo que pregou a liberdade, evangelizou contra a opressão e o crime. "Só a

atitude de Haia oferece-nos motivo para todo brasileiro sentir-se orgulhoso de ser seu irmão".

Quem tal escreveu, jornalista cearense, parece ter ouvido o que a Rui dissera uma personagem belga: "*Si j'étais brésilien, je serais enchanté de votre position*".

A figura destacada chegou a eclipsar-se, como Vieira, Cícero, Dante, em meio dos turbilhões políticos. Também o sol se apaga... para ressurgir, esplêndido e glorioso.

Redivivo o outro sol, nas fráguas divinas em que se abrasou, nas centelhas de suas ideias, sideração da verdade, inda hoje cresce, ainda, o desfilar humano às portas da "Casa de Rui Barbosa".

Ali viveu, quem obras nos legou sobre a disciplina da língua, o culto da lei e a observância de corações livres: Joias, pérolas engastadas, rebuçadas, obradas de sirgo e oiro; ensaios poéticos em meio do acervo oratório e trabalhos de jurisprudência.

Citemos *Alexandre Herculano,* 1878; *Castro Alves,* 1881; *Reforma do Ensino Secundário e Superior,* 1882; *O Marquês de Pombal, Reforma do Ensino Primário, José Bonifácio, Swift, Visita à terra natal, O Papa e o Concílio, Lições de coisas, Cartas da Inglaterra, Discursos e Conferências, Anatole France, Osvaldo Cruz, Cartas políticas e literárias, Parecer sobre a redação do Código Civil Brasileiro, Réplica, Queda do Império, Oração do Apóstolo, O divórcio e a anarquia, Conferência de Petrópolis, A Grande Guerra, Ditadura e República, Elogios Académicos* e outras obras, para cerca de 200 volumes.

Que devo acrescentar ?

Ele o Mestre que mais ensinou a alunos e professores, aos mestres do Brasil. Enriqueceu tanto as nossas letras, que lhe consideram quase miraculosa a produção, tocada de finas graças. "Tenho o consolo de haver dado ao meu país — afirmou — tudo o que me estava ao alcance : a sinceridade, os excessos de atividade incansável, com que, desde os bancos académicos, o servi, e o tenho servido até hoje".

O estudo, libertação da ignorância por meio do livro, aproxima os homens no minerar o vocabulário do dever que enobrece,

do trabalho que fecunda, do civismo que santifica. Nutre esperanças que já declinam, esclarece e perfuma corações em flor.

Do nosso herói a experiência, filosofia, letras e fadigas não se reduzem porém aos livros que escreveu; são flores, riquezas, património ou capital que, das eminências de Haia e Buenos Aires e dos cumes olímpicos da Arte, espalhou-se, difundiu-se.

Esta a linguagem de S. Paulo: "Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé... *Bonum certamen certavi, cursum consumavi, fidem servavi...*" Não difere muito a linguagem de nosso Apóstolo: "Ensinei com a doutrina e o exemplo, mais com o exemplo do que com a doutrina, o culto e a prática da legalidade, as normas e o uso da resistência constitucional, o despreso e o horror da opressão, o valor e a eficiência da justiça, o amor e o exercício da liberdade".

Meus senhores. Refulge a glória dos grandes homens, sem eclipse, depois de mortos. E se o Amor no mundo nasce, no céu floresce. *Ubi est, mors, victoria tua?* Onde está, ó morte, a tua vitória ?

Hoje como ontem e amanhã, aos elementos destruidores abafa, encanta, vinga e desafia, o que ora sobe, das lembranças de Rui, para seu amor, para o aproveitamento dos vivos, para ilustração eterna do Brasil. Sem mais dúvida, a humanidade caminha para o sonho dos génios...